

A LITERATURA MOÇAMBICANA: UMA ANÁLISE CULTURAL, MÍTICA E IDENTITÁRIA ATRAVÉS DO ROMANCE *O SÉTIMO JURAMENTO* DE PAULINA CHIZIANE.

Camilla Rodrigues PROTETOR (UPE)¹
Amara Cristina BOTELHO (UPE)²

RESUMO

O continente africano nos últimos anos vem sendo alvo de estudos, não só pela sua rica produção literária, mas também, pela expansiva cultura. Daí as diferentes possibilidades de abordagem que hoje se realiza sobre a constituição cultural do povo desse continente. O presente trabalho tem como *corpus* a obra moçambicana *O Sétimo Juramento* de Paulina Chiziane, a qual está ligada a Moçambique pós-colonial tendo espaço e tempo ficcionais. Neste artigo serão abordados a cultura e os costumes africanos a partir da leitura do texto literário, além de explorar a imagem da mulher, mimetizada pelas personagens femininas criadas por Chiziane, as quais tomam variadas características. Ressalta-se, por exemplo, a condição de submissão da mulher resultante de uma sociedade patriarcal e machista. Além das questões de gênero são abordados também os mitos – meio pelo qual a população busca o sagrado – e a africanidade, ou seja, a busca da identidade e a aceitação do indivíduo de suas raízes étnicas. Para nortear o trabalho no que se refere ao gênero tomou-se como pressupostos teóricos Alves e Pitanguy (2003), Zinani (2013) e Butler (2003). Para a temática dos mitos e da religião seguiu-se Eliade (1972; 1992). Já para africanidade tomou-se por aporte teórico Leite (2012) e Hall (2011).

Palavras-chave: Literatura. Cultura. Moçambique. Gênero.

¹ Graduanda em Letras pela Universidade de Pernambuco – UPE. Este trabalho é um recorte do projeto que está ligado ao programa PIBIC- PFA 2015 e inserido ao macro projeto intitulado A ficção feminina produzida por escritoras de língua portuguesa- gênero, sociedade e letramento literário desenvolvido no grupo de pesquisa CELLUPE sob orientação da ProfªDrª Amara Cristina de B. e Silva Botelho. E-mail- camilla.protetor@hotmail.com

² Professora Doutora da Universidade de Pernambuco – UPE. Vice-Coordenadora do Mestrado Profissional em Letras - *Campus* Mata Norte. E-mail- acristinabotelho@gmail.com

LITERATURE MOZAMBICAN: AN ANALYSIS OF CULTURAL , MYTHICAL AND IDENTITY THROUGH THE PAULINA'S CHIZIANE ROMANCE *O SÉTIMO JURAMENTO*.

Abstract

The African continent in recent years has been the target of studies, not only for its rich literary production, but also by the expansive culture. Hence the different possibilities of approach that is now held cultural of the people of that continent constitution. This work is *corpusmozambican's* book *O Sétimo Juramento* Paulina Chiziane, which is connected to a post-colonial Mozambique with fictional space and time. So will discuss the culture and African customs from the reading of literary texts, as well as explore the image of women, mimicked the female characters created by Chiziane this work, which take on many characteristics. It is noteworthy, for example, the condition of submission of the resulting woman from a patriarchal and sexist society. In addition to the gender issues are also addressed myths - means by which the population seeks the sacred - and africanity, that is, the search for identity and acceptance of individual members of their ethnic roots. To guide the work in regard to gender was taken as theoretical assumptions Alves and Pitanguy (2003), Zinani (2013) and Butler (2003). For the theme of myths and religion was followed by Eliade (1972; 1992). As for africanity taken up by theoretical contribution Leite (2012) and Hall (2011).

Key words: Literature. Culture. Mozambique. Genre.

Introdução

Ao tratar da literatura africana sob a perspectiva de Paulina Chiziane, não se pode deixar de analisar aspectos como cultura – principalmente conceitos que envolvem mito e identidade – e a imagem feminina, que é o ponto chave de suas ficções. A autora tem predileção por uma escrita que se aproxime da tradição oral e da poeticidade, visto que a mesma não se considera uma romanista, mas uma contadora de histórias.

Os romances de cunho africano cada vez mais vêm sendo alvo de detalhados estudos, eles trazem como forte marca a presença da identidade, não só individual,

mas coletiva, isso porque é através da escrita que os autores propõem mostrar a problemática de seus países as quais muitas vezes são silenciadas.

A obra que serve de *corpus* para este trabalho, foi escrita por Paulina Chiziane e trata da questão familiar entrecorta pelos mitos religiosos que dão a obra um ar místico. O comportamento das personagens femininas está diretamente ligado as imposições sociais e familiares, ou seja, elas agem segundo os preceitos estabelecidos historicamente, além de terem relações com os mitos cosmogônicos, apresentando uma ligação religiosa.

Baseada na teoria proposta por Alves e Pitanguy (2003), Zinani (2013) Butler (2003), Barbosa (2011) e outros, teorizar-se-á as questões relacionadas à mulher e como ela é vivificada durante a narrativa selecionada como *corpus* deste trabalho.

A imagem da mulher é um tema recorrente nos romances de Chiziane, tratando-se de *O Sétimo juramento*, a imagem feminina adquire um caráter mimético e é através dessas personagens que se tem a visão da sociedade moçambicana.

Para embasar este trabalho, fez-se necessário um arcabouço teórico acerca de autores como Eliade (1972; 1992), Leite (2012) e Hall (2011).

2- Cultura e identidade: a voz moçambicana a narrativa.

A África sempre foi um continente envolto por conceitos preestabelecidos. Além de que é possuidora de uma cultura rica e heterogenia, daí os autores abordarem com frequência em suas produções literárias o tema da identidade, o que vem proporcionando a esta literatura uma maior visibilidade e um caráter emergente.

O conceito de identidade vem atrelado às denominações de africanidade, no caso do romance analisado, os questionamentos identitários ligam-se, também, a ideia de moçambicanidade. Isso ocorre quando as personagens representam a cultura local, sendo-lhes atribuídos os hábitos e costumes do espaço social retratado na narrativa. A respeito disso, cabe dizer que Chiziane mostra o papel da mulher dentro de uma sociedade hierarquizada, patriarcal e etnicamente desconstruída, uma vez que seus

personagens passam por um processo de busca de embranquecimento, ou seja, passam a não mais reconhecerem como negros.

Ao tratar de identidade, os autores correm em busca da preservação da cultura, acentuando sempre em seus textos características locais. Outro dilema enfrentado pelos escritores diz respeito à língua e a pretensão de dar ao texto um caráter oral é decorrente da assimilação e da necessidade de usá-la para perpetuar a tradição.

Segundo Chaves e Macêdo (2006, p.20) “Cresce a consciência de que a preservação do pluralismo cultural é a única forma de garantir que a nossa arte, a nossa literatura com os outros elementos que definem a nossa identidade cultura, posam se manifestar e florescer no espaço que lhes é próprio.”

Utilizando o recurso da oralidade, *O Sétimo juramento* torna-se um texto de leitura fácil, cujos temas permeiam não só a representação identitária, mas trazem para a narrativa as raízes históricas, míticas e religiosas, todas elas atreladas a imagem feminina. Desta forma, a oralidade é utilizada como recurso de suma importância visto que está apregoada as tradições e raízes do continente, já que se tem a consciência de que a escrita é algo que ainda é pouco dominada pela maioria da população africana.

Nessa perspectiva, segundo Leite,

[...] a tematização da tradição – enquanto registro das diferentes acepções da oralidade, tanto linguísticas quanto as temáticas, as genealogias e as culturas – deve ser entendida como uma demanda estratégica na qual os africanos se colocaram simultaneamente em relação a um *ethos* africano, bem como em relação ao resto do mundo. (LEITE, 2012, p.165)

A representação das raízes míticas e a história religiosa estão presentes em *O Sétimo juramento* e são responsáveis pela formação do conflito, os quais surgem a partir do momento em que o patriarca da família faz alguns pactos religiosos e deles é extraído o título da obra.

Desde as sociedades arcaicas o homem se prende às concepções de mitos e ritos de criação para tentar explicar o que foge da explicação racional. Paulina Chiziane faz uma analogia entre suas obras e os mitos cosmogônicos – ou seja, ligados a origem do mundo – para explicar o comportamento e o desfecho de suas personagens, as quais retornam as suas raízes na tentativa de obter a proteção dos mitos. Em *O Sétimo Juramento*, esse retorno ocorre quando a personagem feminina busca a proteção das entidades míticas locais para impedir o declínio de uma família tomada pela feitiçaria.

A relação entre a sociedade moçambicana e os mitos faz parte do cotidiano e integram os hábitos e costumes de grande parte da população. “O mito [...] ensina as “histórias” primordiais que o constituíram existencialmente, e tudo o que se relaciona com a sua existência e com o seu próprio modo de existir no Cosmo o afeta diretamente.” Segundo Eliade (1972, p.13).

O mito é uma ponte de sustentação entre o sagrado e o profano, na busca de resposta e de preceitos, Para Eliade,

[...] os mitos descrevem as diversas, e algumas vêzes [sic] dramáticas, irrupções do sagrado (ou do “sobrenatural”) no Mundo.

[...] O mito é considerado uma história sagrada e, por tato, um “história verdadeira”, porque sempre se refere a realidade.

[...] A principal função do mito consiste em revela os modelos exemplares de todos os ritos e atividades humanas significativas [...]. (ELIADE, 1972, p. 11-13)

Chiziane trabalha com o contexto mítico através do regresso ao passado, esse artifício está presente em diversas passagens de sua obra. Sendo assim o mito conecta o mundo moderno ao mundo espiritual como forma de salvação e busca respostas.

Gente desesperada clama pelos antepassados em cada canto. Por todo o lado se ajoelham diante da alma dos santos, dos defuntos, das virgens, para ter sorte na vida, no emprego, no amor. Invocam-se os mortos ao mais pequeno sinal de infortúnio. Invoca-se o passado para que o futuro se realize. (CHIZIANE, 2008, p. 46-47)

3- Conceitos essenciais sobre gênero e feminismo

Muito se discute a respeito das considerações acerca da problemática de gênero. Ao tratar deste assunto, Butler (2003) e Zinani (2013) apontam que devem ser desconstruídos alguns dos conceitos a respeito do gênero que preexistem ou que são historicamente constituídos. Butler (2003) acredita que sexo e gênero são categoriais culturalmente construídas. Embora o primeiro esteja mais ligado a questão biológica, e o segundo a uma questão social e identitária, contudo isso não impede que se faça uma associação entre ambos.

Ao tratar dessa questão, é necessário que se tenha a noção de que gênero e identidade, tanto quando sexo, masculino e feminino, podem estar diretamente ligados a gênero. Destaca-se segundo Butler,

Quando o status construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência de que homem e masculino podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e mulher e feminino, tanto um corpo masculino como um feminino. (BUTLER, 2003, p.24-25)

Assim cabe ressaltar que,

Se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio construto chamado “sexo” seja tão culturalmente construído quanto o gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma. (BUTLER, 2003, p.25)

No que diz respeito à crítica feminista, inicialmente tentou-se nortear as origens desta, a partir do conceito de gênero, o qual estaria ligado ao conceito de identidade, ou seja, buscava-se o fim da polarização sexual, mas como afirma Barbosa (2011), isso era insuficiente, porque o feminismo pregava a distinção entre os sexos.

A priori tem-se essa visão generalizada do feminismo, porém como diz Zinani (2013) a crítica feminista buscou analisar a mulher em sociedade, a discutir aspectos familiares, sexuais e responsabilidades domésticas, atividades estas que são “impostas” as mulheres a séculos. Sendo assim, “gênero é um construto teórico que tipifica os modos de ser característicos de cada sexo.” Aponta Zinani (2013, p. 105)

Para Chiziane (2007, p.36),

Mulher é fruta boa. Mulher é tranquilidade e frescura. Mulher é noite negra que faz luz ofuscante transformar-se em penumbra. [...] mulher é terra que Deus colocou a disposição do homem como rampa de lançamento no vôo da vida.

A teoria feminista tem como propósito a busca da diferença e da igualdade, ou seja, ela busca as melhorias para um sujeito que foi histórico e socioculturalmente rechaçado e marginalizado, ao mesmo tempo em que busca a igualdade social. Assim, esta crítica tem por objetivo o interesse feminino emancipado e as diferenças entre os gêneros.

Laurentis (1994 apud Zinane 2013) diz que a problemática da crítica feminista está na insistência de se postular uma diferença entre os sexos, buscando uma autonomia de gênero. Esse ponto de vista faz com que a própria crítica seja limitadora. Para ela, a crítica prende-se a fatores patriarcais, esquecendo-se das representações culturais e linguística.

Segundo Barbosa (2011, p.16), “o feminismo reivindica a alteridade de um sujeito [...] para reinscrevê-lo através de sua ressemantização: sujeito marcado pelo sexo/gênero.”. Ou seja, assim como gênero e sexo, ele é uma construção cultural. E ainda mais procura restaurar as representações desse sujeito em sociedade.

O Sétimo juramento se enquadra nas concepções prescritas por Showalter (1994 apud Barbosa, 2011, p.18-19), pois se inscreve na concepção de uma escrita feminina, para tratar de mulheres numa sociedade patriarcal. Sendo assim, a mulher é visibilizada – e reescrita – pela mulher. No romance em pauta, Chiziane trata da

mulher de Moçambique em situações cotidianas ligando-a aos mitos na busca de uma emancipação do patriarcalismo e da opressão.

Segundo Simone de Beauvoir (apud Butler 2003 p.27), “não se nasce mulher, torna-se mulher”, pois para ela o gênero é uma construção cultural. Beauvoir esclarece que o conceito de sexo está diretamente ligado ao gênero e que sexo não é uma construção fatídica, em que um ser ao se autodenominar mulher, pertença ao sexo feminino.

De qualquer forma os limites entre sexo e gênero, emancipação e privilégio feminino são difíceis de delimitare esses pressupostos continuarão a existir, pois são também inerentes aos aspectos sociais. Diante desses pressupostos para Butler,

Se o gênero ou o sexo são fixos ou livres, é função de um discurso que, como se irá sugerir, busca estabelecer certos limites à análise ou salvaguardar certos dogmas do humanismo como um pressuposto de qualquer análise do gênero. (BUTLER, 2003, p.27).

À medida que a mulher é rechaçada, ela constrói passo a passo sua independência linguística e social valendo-se da literatura para tal façanha. É correto dizer que existe um escrita feminina e que a mulher nela torna-se personagem principal.

Durantes anos, a crítica literária conhece a escrita para e sobre mulheres, as quais eram representadas sob a ótica masculina, agora têm a linguagem e a voz delamesma numa junção polifônica, como ressalta Showalter (apud Zinane 2013), agora o ser feminino silenciado durante séculos ganha voz.

Geralmente a imagem feminina ficcional é construída de forma reversa, ou seja, aquelas que não se submetem às normas e convenções sociais e abarcam uma carga identitária, têm quase sempre são silenciadas, geralmente, mortas ou condenadas.

Segundo Zinani (2013, p.58) a identidade feminina é um construto que se dá a partir do momento em que “ se estrutura através da interação do sujeito com a sociedade, evidenciando-se essa interação por meio das práticas sociais[...]”.

Assim, cabe dizer que existem literaturas femininas, ou seja, lidas e escritas por mulheres em que as personagens femininas mostram o caráter simbólico e colocam um ponto final no silenciamento.

4-Leitura crítica de *O sétimo Juramento*

A narrativa que constitui o *corpus* do presente artigo integra a trajetória da primeira romancista – mulher negra – moçambicana a publicar um romance. A própria autora não se considera romancista, mas sim uma contadora de histórias. As suas inspirações partem de encontros ao redor da fogueira de contações. Assim, pode-se dizer que Chiziane é uma espécie de griot, isto é, “[...] um especialista, escolhido ou por linhagem, ou por profissão, só ele detendo o conhecimento dos textos mais longos e especiais, como a epopéia [...]” (LEITE, 2012, p.24).

Segundo Leite (2012), *O Sétimo juramento* é quase uma tentativa de “mimetização”, muito próxima da prática narrativa oral de um bardo, contador de histórias, ou “griot”. Com esta citação fica visível a importância da oralidade nas produções de Paulina, inclusive, na obra em análise.

A obra se passa numa Moçambique pós-colonial envolta pela destruição da guerra civil, entre a cidade e a zona rural, tendo como espaço ficcional a Zambézia e Zavala. Retrata uma família burguesa negra de “alma branca”, que após a inserção do pai no mundo da magia negra, – para livra-se da crise econômica por qual passava sua fábrica – começa a declinar e que tem como salvação Vera, a qual sendo influenciada por sua sogra – Avó Inês – volta-se para as raízes míticas com a finalidade de resgatar sua família da destruição.

As recorrentes conversas com espíritos, a descrição de rituais míticos, o incesto e os abusos sexuais fazem a obra transitar numa espécie de tempo sagrado e profano.

A respeito do título do livro, cabe dizer que Chiziane buscou uma representação cabalista, usando o número sete como o símbolo da perfeição.

Chiziane utiliza-se da técnica do monólogo interior para dar voz ao espírito, pois para ele

A vida é feita de juramentos [...] Os números são mágicos e sete é mágico por excelência tem sete dias cada semana e cada fase da lua. Sete portas do desconhecido. Sétima arte. Sétimo céu. Lobisomem é o sétimo filho, do sétimo filho do sétimo filho. [...] Quatro setes tem o ciclo da mulher. Sete vidas tem o gato, e o homem sete sinais de morte. (CHIZIANE, 2008, p. 151-152)

N’O *Sétimo juramento*, a personagem avó Inês detém o conhecimento das histórias, dos mitos e credices e como espécie de griot – funciona, também, como uma espécie de ponte entre o presente e o passado, procurando “[...] na mente histórias de encantar, mas a memória corre para o passado de mistérios e de verdades ocultas” Chiziane (2008, p. 26). Já David, o patriarca da família, trava um embate espiritual junto a seu filho, pois eles fazem parte de dois grupos rivais de espíritos e que reencarnaram para resolver os embates ancestrais aos quais estavam destinados.

Nas narrativas de Chiziane, os nomes das personagens não são escolhidos por acaso, cada um deles traz em si uma carga significativa. “[...] E este filho nunca foi teu, nunca te pertenceu. Começa a decifrar o mistério de teu nome.” Diz Avó Inês (CHIZIANE, 2008, p.59)

Nesta passagem, avó Inês diz qual o propósito da reencarnação de Clemente, ele espírito da água, salvará a família do fogo, representado pelo pai.

–Tu, Clemente, tens um espírito antigo. Viveste a cem anos, foste bravo, foste guerreiro. [...]. Tu és o prometido, aquele que saldará as dívidas dos antepassados. Tu és o homem que buscará a cura de todos os males. [...]. O teu sorriso de água apagará o fogo em todas as almas. [...]

–Sim. Tu és Mungoni, o prometido. (CHIZIANE, 2008, p. 28).

As palavras de Eliade (1972) aplicam-se representação e a aceitação de Clemente, espírito reencarnado cuja missão é salvar a família através da magia branca,

O homem é como é hoje porque uma série de eventos teve lugar aborígine. Os mitos contam-lhe êsses [sic] eventos e, ao fazê-lo, explicam-lhe como e por que êle [sic] foi eleito dessa maneira. [...], a existência real autêntica, começa no momento em que êle [sic] recebe a comunicação dessa história primordial e aceita as suas conseqüências. (ELIADE, 1972, p. 85)

Através de monólogos interiores, pactos e mitos, Chiziane constrói uma ficção de caráter moral mimetizando a realidade social.

Por outro lado, a figura feminina exerce na obra três funções: autora, personagem e leitora, o que comprova o rompimento com o silêncio que lhe foi imposto durante anos.

Cabe dizer que Vera é a protagonista enquanto as outras personagens adquirem um caráter secundário ou coadjuvante, embora tenham uma representação mítica importante. É Vera que se ligada aos mitos de origem ou cosmogônicos, “recorda brevemente os momentos essenciais da Criação do Mundo [...], ou a história da origem das enfermidades e dos remédios e assim por diante.” (Eliade, 1972, p. 37), através de flashes da sua juventude.

A imagem feminina na narrativa assume certos comportamentos por ser um reflexo das atitudes machistas de David, pois ele detém o domínio e comando das mulheres com quem convive, até o momento em que Vera deixa de se submeter aos mandos machistas, desconstruindo a hierarquia patriarcal.

Em uma das poucas conversas que acontecem entre Vera e David, evidencia-se no discurso do narrador que

David faz cara de zangado e levanta-se da mesa. **Vera persegue-o, como uma cadela ao seu dono.** Ajuda-o a vestir-se e a colocar a gravata.

No quarto dos pequenos há algazarra, um deles chora. Vera corre em socorro do chorão. O marido diante do espelho chama-a. **Larga o menino para cuidar do pai.** (CHIZIANE, 2008, P.18 -19 **grifos das autoras**)

O fantástico também está presente na obra representado não só pelos elementos míticos da narrativa, mas pela ligação da mulher as raízes míticas primitivas, das quais ela faz uso para compreender os feitiços.

Vera também vive o duplo – termo utilizado por Carraté (1994 apud Zinane 2003) – quando, abandona a religião cristã e voltasse ao mundo mágico, passando a compreender sua significação dentro dos acontecimentos que margeiam a narrativa. Nota-se também a submissão de Vera neste ponto, pois ela submeteu-se a religião do marido, porque ao longo da narrativa, através de monólogos, diz que sempre foi ligada as questões míticas da sua terra, que aquela religião e costumes eram de brancos.

Para cumprir as exigências do pacto espiritual, David se submete a uma serie de atividades, dentre elas toma como esposa quatro mulheres, inclusive a própria filha. Na conversa com um adivinho,

– Saúde dinheiro, dinheiro e amor. Terás quatro esposas, quatro pilares que te erguerão até ao mais auto dos montes. Não iras ao seu encontro, nem elas virão no teu encaço. Envolver-se-ão o cruzamento dos caminhos. Elas darão a vida por ti.

– Quatro esposas?

– Sim, quatro, assim dizem as conchas do teu destino. Bom número. Quatro membros tem o homem. Quatro patas têm os bichos mais fortes da natureza. Quatro paredes tem um edifício. Quatro rodas tem um carro. Quatro é um número de estabilidade.(CHIZIANE, 2008,p.87)

Para Chiziane, o incesto dentro da obra não é ruim, embora a mãe não aceite e a filha comece a tratá-la como rival, uma vez que o narrador faz o seguinte comentário:

Incesto é cura, sacrifício. Mulher estéril dorme com pai para recuperar o gene da fertilidade que escapou na hora da gestação. Homem estéril dorme com a mãe para recuperar a fecundidade esquecida no ventre materno, na hora do nascimento. Pessoa doente dorme com irmão ou irmã, para abominar o espírito mau e expulsar o anjo da morte. [...] Adão comeu a maçã de Eva, irmã e filha, e a vida multiplicou-se. [...]

Só se tratam assim mulheres que brigam pelo mesmo homem.

Cadelas que roem o mesmo osso. Mãe e filha não vivem assim.

(CHIZIANE, 2008, p. 182-183)

Por ter sido submissa durante toda a vida e ter aceitado os mandos e ritos do marido, Avó Inês funciona como uma voz de consciência e conduta para Vera, sempre alertando-a e aconselhando-a a buscar-se. Chiziane (2008, p.57) a usa como fonte preciosa entre passado e presente, sagrado e sabedoria. Segundo a voz narrativa, “Ser velho é possuir capacidade de ler destinos como um livro aberto, baseando-se o saber acumulado ao longo de tantos anos de existência.”

Aconselhando Vera a livrar-se do mal que permeia sua família, a personagem Avó Inês declara:

– Não temas nunca um homem. Nós, mulheres, é que damos luz ao mundo. **Todo homem ganha existência no ventre de uma mulher.** Somos poderosas. Transformamos toda a força em nada e toda tensão em calma e sossego. Somos água que arrefece o mais ardente dos fogos. [...] Homem é filho, é companheiro. **Respeita-o. Não o temas nunca!**(CHIZIANE, 2008, p. 37 **grifos nossos**).

Com essa última citação, Chiziane acentua todo o trabalho que envolve gênero e feminismo. Da conscientização da mulher reconhecer-se como libertária de si própria

e capaz de desmistificar os pressupostos patriarcalistas e históricos da sociedade a qual se integra.

Considerações finais

Neste artigo, apresentaram-se conceitos pertinentes a explicação crítica da obra selecionada para análise. Foram também apresentadas as relações entre gênero e misticismo, elementos fundamentais para compreensão de *O Sétimo juramento* tanto no que concerne ao título do livro, quanto ao que diz respeito à significação ficcional e mítica da expressão.

Nela também foi observado que a imagem da mulher moçambicana, que busca sua identidade no que se refere ao gênero e às suas características étnicas, é mimetizada no decorrer da narrativa, com a finalidade de desmistificar a dicotomia entre sexo e gênero, a subserviência e a aceitação passiva do patriarcalismo, pois finalmente consegue romper com o silêncio, que a perseguiu por séculos a fio.

Saliente-se também que a escolha dos nomes, como mencionou-se na análise, não se deu por acaso, todos eles são representativos da identidade ficcional das personagens criadas por Chiziane.

Muitas abordagens poderiam e ainda podem ser aplicadas ao romance que foi aqui discutido, pois se tem consciência de que esta investigação traz uma contribuição efetiva, visto que os objetivos foram atingidos e o que foi concluído corroborara para a divulgação da obra da primeira romancista moçambicana, além de que os resultados alcançados serão úteis a estudantes e professores do ensino básico que visem entender a produção ficcional moçambicana realizada por mulher.

Referências

ALVES, Branca M.; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

- APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura.** Tradução Vera Ribeiro; revisão de tradução Fernando Rosa Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. 1ª ed.
- ARMSTRONG, Karen. **Breve história do mito.** Tradução Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- BARBOSA, Adriana M. de A. **Ficções do feminismo.** Vitória da conquista: Edições UESB, 2011.
- BRAIT, Beth. **A personagem.** São Paulo: ática, 1990.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003. Tradução Renato Aguiar.
- CANDIDO, A. etall. **A personagem de ficção.** 1º edição. São Paulo: digital source, 1969
- CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania. **Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa.** São Paulo: Alameda, 2006.
- CHIZIANE, Paulina. **O Sétimo Juramento.** 3ª ed. Desonhecido: Caminho, 2008.
- DUARTE, Zuelide. **Outras Áfricas: elementos para uma literatura da África.** Recife: Massanga Fundação Joaquim Nabuco, 2012.
- ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade.** Tradução PolaCivelli; revisão e produção Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- _____. **O Sagrado e o Profano: A essência das religiões.** Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- _____. **Tratado de História das Religiões.** Tradução Fernando Tomaz e Natália Nunes. Lisboa: Edições Asa, 1997.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução Tomaz T. da Silva e Guacira L. Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2011. 11ª ed.
- LEITE, Ana Mafalda. **Oralidades e Escritas pós-coloniais: estudos sobre literaturas africanas.** Rio de Janeiro: ed. UERJ, 2012.
- LEITES, Marlene Hernandez. Nação, discurso e identidade: eu, ele e o outro. In: _____. **A questão da raça e da diferença: um olha sobre outros olhares.** Belo Horizonte: Nandyala, 2012.
- MACHADO, Emiliaetall. **Da África e sobre a África: textos de lá pra cá.** 1º ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **Feminismo e política.** São Paulo: Boitempo, 2014.
- ROSÁRIO, Lourenço do. **Moçambique: história, culturas, sociedade e literaturas.** Belo Horizonte :Nandyala, 2010.